

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

17 mar 2017 | O Globo

ROBERTO OLINTO N. da R.: Nelson Motta, excepcionalmente, não escreve hoje Roberto Olinto é diretor de pesquisas do IBGE

Urgência e precisão

A rápida inovação tecnológica tem melhorado a qualidade de vida das famílias, mas piorado a vida dos estatísticos econômicos

É cada vez maior a pressão para que os produtores de estatísticas divulguem os dados oficiais no menor tempo possível. Agregados econômicos como o PIB, a produção industrial ou a taxa de desemprego têm suas estimativas balizadas por critérios rigorosos. Devem ter informação de qualidade e, preferencialmente, definitiva. Obviamente, tamanha precisão requer tempo.

No entanto, a velocidade da tomada de decisões em nosso mundo contemporâneo exige o oposto, o que nos leva ao dilema precisão-tempestividade. Se acelerarmos a estimativa de um indicador, reduzimos a tempestividade mas, por outro lado, aumentamos o risco de produzir informação sem qualidade.

Para que a produção industrial seja coletada, por exemplo, as empresas têm que totalizar seus dados e fornecê-los ao IBGE. Mesmo utilizando-se a internet, esse processo demora um mês. Assim, na melhor das hipóteses, a divulgação dos resultados industriais só pode ser mensal. O caso do PIB é ainda pior, pois usa informações de diferentes atividades econômicas, e algumas delas só estão disponíveis após mais de dois meses. O prazo de dois meses para essa divulgação é o limite mínimo possível.

O FMI tem os seus parâmetros de qualidade sobre disseminação de dados — Standard Data Dissemination System — que definem o tempo esperado para a divulgação de informações econômicas. Para as contas nacionais, a convenção é um trimestre de defasagem, mas o IBGE divulga em prazo menor, de dois meses.

Os Estados Unidos divulgam suas contas nacionais mensalmente, mas com um inconveniente: revisam os números a cada divulgação e só chegam a um resultado definitivo após o terceiro mês. Os organismos de cooperação internacional não recomendam que dados oficiais conjunturais sejam revistos com muita frequência e, por isso, o Brasil optou pela defasagem de dois meses. Nossa política de revisão está disponível na internet.

A rápida inovação tecnológica tem melhorado a qualidade de vida das famílias, mas piorado a vida dos estatísticos econômicos. É cada vez mais difícil medir a variação real de determinados indicadores, e isso deu origem a uma enorme discussão entre os formuladores de metodologia. Brincamos que temos saudades dos tempos em que existia apenas o telefone fixo, medido em pulsos. Com a internet, a telefonia móvel e todas as novas facilidades digitais, medir esse processo tornou-se extremamente complexo.

Tais dificuldades não surgiram apenas nos serviços. Na indústria automobilística, os produtos têm grande diversidade. Produzir cem Gols não é o mesmo que produzir cem Audis. Isso é conhecido como "efeito qualidade", que nos obriga a considerar não apenas o número de carros produzidos, mas também a qualidade incorporada.

Já há recomendações metodológicas sólidas sobre a quantificação de vários serviços. Na educação, por exemplo, podemos considerar o número de alunos aprovados por série e nível. Mas como mensurar a evolução da qualidade? Este é o ponto onde os institutos de estatísticas mais trabalham e discutem atualmente. Um caminho proposto seria deflacionar os dados correntes através de um índice de preços, obtendo-se a variação em volume. Considerando-se que o volume é igual à quantidade multiplicada pela qualidade, teríamos uma aproximação. Mas até que novas metodologias amadureçam e venham a ser adotadas, continuaremos a informar à sociedade sobre as atividades econômicas com uma defasagem de 60 dias.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)